

Jorge Fernando dos Santos

Ilustrações de
Bernardo França

REPORTAGEM MORTAL



4ª edição revista
3ª tiragem
2018

 **Editora
Saraiva**

Todos os direitos reservados à SARAIVA
Educação S. A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – CEP 05425-902
São Paulo – SP

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 2010

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO
DE OLIVEIRA

Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA

Preparação de texto: MARIA CECÍLIA FERNANDES
VANUCCHI

Auxiliares de serviços editoriais: RUTE DE BRITO
e MARI KUMAGAI

Suplemento de atividades: RODRIGO PETRÔNIO

Revisão: BÁRBARA PRINCE e LEONARDO ORTIZ

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Gerente de artes: NAIR DE MEDEIROS
BARBOSA

Projeto gráfico e capa: ALICIA SEI / TODOTIPO
EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos
Reportagem mortal / Jorge Fernando dos Santos ;
ilustrações de Bernardo França. — 4. ed. rev. — São Paulo :
Saraiva, 2010. (Coleção Jabuti).

ISBN 978-85-02-09576-2 (aluno)
ISBN 978-85-02-09577-9 (professor)

1. Ficção brasileira I. França, Bernardo
II. Título. III. Série.

10-08561 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Tel: 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br
CL: 810093
CL: 571366

| | |
|--|----|
| I. História de piratas | 5 |
| II. Blá-blá-blá | 7 |
| III. Na corda bamba | 9 |
| IV. Freud × Jung | 10 |
| V. Pessoas desaparecidas | 15 |
| VI. Visita inesperada | 17 |
| VII. Surpresa desagradável | 24 |
| VIII. “Pega” de automóveis | 27 |
| IX. Ideia pouco original | 28 |
| X. Expresso tartaruga | 30 |
| XI. Nada de novo no <i>front</i> | 31 |
| XII. Um chope no <i>shopping</i> | 33 |
| XIII. O sono perdido | 37 |
| XIV. A manchete do dia | 38 |
| XV. Atração quase fatal | 40 |
| XVI. Coração na boca | 42 |
| XVII. Pirata da cara de pau | 44 |
| XVIII. Quem dá mais? | 47 |
| XIX. O mundo é pequeno | 49 |
| XX. Um jogo animal | 52 |
| XXI. Uma casa suspeita | 54 |
| XXII. Vidraça embaçada | 56 |
| XXIII. Relâmpago mental | 58 |
| XXIV. Bisbilhotice oportuna | 61 |
| XXV. A chave partida | 63 |
| XXVI. De volta à casa suspeita | 69 |
| XXVII. Saco sem fundo | 71 |
| XXVIII. Trabalho de equipe | 78 |
| XXIX. Doce quinta-feira | 81 |

I HISTÓRIA DE PIRATAS

O enorme galeão fez uma longa curva a estibordo e rumou em linha reta na direção da fragata inimiga.

- Preparar para abordar! - esgoelou-se o capitão Sancho Perro, erguendo a espada na mão direita e exibindo duas pistolas carregadas presas ao cinturão de fivela de prata.

- Desta vez vamos acabar com esses malditos ingleses, capitão! - bradou o imediato, conhecido como Mão de Ferro, um marujo corpulento com uma cicatriz na face esquerda disfarçada pela barba ruiva.

As balas dos canhões inimigos assobiavam no ar e explodiam na água, fazendo o galeão balançar feito uma gaiola. Uma ou outra carga furava uma das velas ou arrancava pedaços dos mastros, que desabavam no convés obrigando os marujos a se esquivarem. O cheiro de pólvora e maresia excitava o velho capitão, cujo olho direito vazado se ocultava atrás de uma tapadeira negra com uma caveira bordada com linha branca.

Nada parecia abalar o velho Sancho Perro. Trazia no corpo as marcas de várias batalhas e na lembrança o orgulho de muitas vitórias. Ingressara na pirataria ainda jovem e pouco a pouco se tornara um dos mais temidos e admirados capitães de navio de seu tempo. Era, por assim dizer, uma espécie de autoridade máxima em Tortuga, a lendária ilha do Caribe que servia de porto seguro para os criminosos do mar. Sua fama se comparava à do corsário Francis Drake, braço direito marítimo da rainha Elizabeth I e com o qual se confrontava.

Mesmo com toda a sua perícia em combates em alto-mar, o Corsário da Rainha em nada assustava o audacioso Galego Caribenho - essa era uma das alcunhas do capitão Sancho Perro, também conhecido como Abutre dos Sete Mares. Aquela não era a primeira vez que os dois se enfrentavam, mas, no que dependesse de Sancho, seria a última. Sem munição suficiente para superar a armada inglesa no confronto de artilharias, o galego optara pelo combate corpo a corpo.

Ainda que corresse o risco de ver seu navio destruído pelos poderosos canhões do inimigo, ele vislumbrava uma boa chance de alcançar a vitória, caso seus comandados concluíssem a abordagem com sucesso. Afinal, cada um dos seus piratas valia por dois ou três dos homens de Drake, que haviam ficado mal-acostumados com os bons tratos da corte britânica desde que seu capitão fora promovido a almirante. Os piratas, pelo contrário, levavam uma vida cada vez mais dura, e quase todos haviam sobrevivido a tempestades e a violentos combates contra os espanhóis, os franceses e os próprios ingleses em diversas ocasiões.

- É agora ou nunca - gritou Sancho Perro no momento da abordagem, quando seu galeão finalmente encostou no casco da fragata inimiga...

TRIMMMMMMMMMM...

II

BLÁ-BLÁ-BLÁ

O telefone tocou, obrigando-me a interromper o taque-taque do computador.

– Alô...

– Alô, querido...

Era Vilma, querendo saber se a gente ia se ver naquele dia. Aliás, naquela noite, pois lá fora escurecia sem que eu nem mesmo tivesse notado.

– Acho que não vai dar – expliquei. – É que estou escrevendo um novo livro e gostaria de não interromper o trabalho enquanto estiver inspirado.

Vilma não conseguiu disfarçar a irritação pela minha recusa em sair. Garota mimada pela família, ela sempre ficava assim quando eu lhe negava alguma coisa. Nessas horas ela dizia que eu era egoísta, que só pensava no trabalho e só me lembrava dela quando estava precisando de alguma coisa ou me sentindo carente.

– Você não me ligou ontem, nem sexta, nem quinta – disse ela. – Acho que não gosta mais de mim.

– Não é nada disso, querida. Só não quero interromper o que estou fazendo estes dias. Demorei muito para começar uma nova história e não posso perder o fio da meada.

– Você sabe quanto eu gosto de pintar e, mesmo assim, nunca deixei você de lado por causa de um quadro.

– Não faz chantagem, vai!

Blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, e acabei perdendo a paciência.

– Tá bom, Vilma, faça o que achar melhor. Saia com o Paulo, com o Fred, com o Barney, com quem você quiser! Eu tenho uma encomenda de um editor e não vou te ver até concluir meu novo livro, tá legal?

Ela simplesmente desligou na minha cara. Fiquei pê da vida e tive vontade de ir até a casa dela tirar satisfação. Bobagem, falei com meus botões. Vilma é assim mesmo. Amanhã vai ter esquecido tudo, e as coisas voltam ao normal. Mas... e se ela sair mesmo com esse tal de Paulo?, pensei. Dane-se! Provavelmente não existia Paulo nenhum. Ela inventara aquilo só para me chatear.

III NA CORDA BAMBÁ

Imprimi e reli atentamente aquelas páginas para recobrar o fôlego da narrativa. Que droga!, pensei. Coisa mais besta seria uma história de piratas naquela altura do campeonato. Mesmo porque, talvez com exceção de John Steinbeck, que iniciou a carreira literária escrevendo *A taça de ouro*, que outro autor de histórias de piratas chegou a alcançar notoriedade e reconhecimento da crítica? Não tive a menor dúvida. Embolei tudo e joguei sobre o monte de folhas amassadas que transbordava da cesta de lixo. Em seguida, apaguei o texto do computador, para não me sentir tentado a continuar escrevendo.

Meu conflito começara duas semanas antes, na noite de autógrafos de um escritor amigo meu chamado Lino de Albergaria. O editor dele estava presente e me encomendou um livro, uma novela de aventura sobre qualquer tema, desde que pudesse ser lida por adolescentes. Caso fosse aprovada, a história seria publicada numa coleção infantojuvenil destinada à adoção em escolas por todo o país.

Eu tinha seis livros publicados, mas era a primeira vez que alguém me encomendava um texto de ficção. Obviamente, não me fiz de rogado. Só precisava descobrir sobre o que escrever... Fiquei um longo tempo olhando a tela em branco e não me veio nenhuma ideia original. Fui dormir me sentindo mais vazio do que latinha de refrigerante depois de festa.